

DISCO

Quinteto explora 400 anos de sons

Em 'Da Renascença ao Jazz', o Art Metal explora possibilidades da música de sopros

O melhor lançamento de música instrumental do ano está nas lojas. Chama-se *Da Renascença ao Jazz*, do quinteto Art Metal, distribuição da gravadora Velas. O quinteto é formado por músicos da Orquestra Sinfônica Brasileira, que há oito anos tocam juntos no grande conjunto e há um ano resolveram formar o grupo menor. Antônio Augusto (trompa), David Alves (trompete), Nelson de Oliveira (trompete), Marco Della Fávera (trombone) e Eliezer Rodrigues da Silva (tuba) estão entre os melhores músicos de sopro do País. São muito jovens — o trompetista David Alves, o mais velho, mal passou dos 30 anos. São brilhantes.

Ao formarem o quinteto — é comum que integrantes de sinfônicas de todo o mundo criem formações menores para execução de repertório específico — dispuseram-se a explorar a fundo as possibilidades da música dos sopros. A ideia de *Da Renascença ao Jazz* é esboçar estas possibilidades, com peças que vêm do século 17 aos dias de hoje. Uma ousadia. As diferenças de linguagem poderiam transformar o CD, com suas 16 faixas, numa desordem estilística insuportável, numa coletânea que, como as coletâneas, atirasse em todas as direções sem acertar em nada.

Mas a unidade interna do Art Metal supera de forma tão absoluta esta dificuldade que o disco é ouvido como um comentário profundo e culto, intelectual, sobre a música e

sua história, sua evolução e suas diferentes fontes de evolução, seus padrões de raciocínio e urdidura e seus preceitos estéticos em tempos diferentes. *Da Renascença ao Jazz* é um destes produtos raros em que a inteligência, o virtuosismo e a beleza combinam-se para gerar obra-prima.

A curta faixa de abertura é o *Rondeau* da *Suite des Symphonies* de Mouret, obra do século 18. As quatro primeiras obras da seleção dedicam-se ao Renascimento e ao Barroco. *Rondeau* traz "o eco", como situa o crítico Luiz Paulo Horta, "de uma antiga música cerimonial". De fato, o roteiro do CD tem a nítida intenção de fixar o tom solene, usando a música solene como declaração de princípios. A segunda faixa, *Trompet Voluntary*, de Jeremiah Clarke e Peter

Martin é contemporânea da primeira e guarda evocação semelhante. Mas de um século anterior é a polifonia brilhante da *Canzone der Sonare* nº 4, de Giovanni Gabrieli, mestre da capela de São Marcos, em Veneza. O período fecha-se

com *My Spirit Be Joyful* da *Cantata BWV, 146* de Bach.

Um salto em direção à música brasileira e o CD alcança os *Divertimentos Folclóricos* da fase nacionalista de Raphael Batista, obra com sabor de quermesse que usa a *Ciranda*, *Cirandinha* como elemento de ligação entre as elocubrações do autor; o *Nazaré de Brejeiro* e *Odeon* e os menos inspirados *Cantos Nordestinos*, de Gilberto Gagliardi; a excepcional transcrição para metais do *Chorus* nº 1, de Villa-Lobos, escrito para violão (os arranjadores do quinteto são Nelson Oliveira, Marco Della Fávera e Maestro Carioca) e a *Suite para Metais* de Amaral Vieira.

Depois, os contemporâneos: Ha-



Art Metal: músicos jovens e integrantes da Sinfônica Brasileira

rold Hermet (*Snap*), Daniel Heavens (*Introdução e Fanfarra*), a sarcástica e bastante conhecida *Polka*, de Shostakovich (de *The Golden Age*) e a *Suite For Brass* de Sberson e McDunn, esta original para quinteto de metais. Num arranjo reflexivo, o Art Metal interpreta *Mood Indigo*, de Duke Ellington, o

alegre e leve ragtime *The Easy Winners*, de Scott Joplin e Gunther Schuller, e finalmente *Another Cat: Kraken* do alemão Cris Hazell, em que uma fuga conduz o ouvinte do jazz ao barroco, num caminho de volta. Caminho de volta mesmo. É impossível não começar de novo a audição. (M.D.)

UNIDADE DO
GRUPO SALVA
CD DA
DESORDEM